

QUANDO A VARIAÇÃO CHEGA À ESCRITA: PALATALIZAÇÃO¹**When the variation arrives at writing: palatalization**José Humberto dos Santos SANTANA^{2*} & Mariléia Silva dos REIS³²Graduado em Letras, Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho, 49500-000, Itabaiana-Sergipe, Brasil³Departamento de Letras de Itabaiana, Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho, 49500-000, Itabaiana-Sergipe, Brasil

*humbertosantana88@hotmail.com

(Recebido em 29 de abril de 2016; aceito em 19 de maio de 2015)

Este estudo investiga, com base na Fonologia de Uso, proposta por Bybee (2003), e em seu modelo representacional, a Teoria de Exemplares (Pierrehumbert, 2001), o modo como vem se manifestando o processo de palatalização na produção escrita de crianças que cursam os anos finais da primeira etapa do Ensino Fundamental (fase de aprendizagem final da leitura). Além disso, descreve os fatores linguísticos – classes de palavras, tonicidade da sílaba, contextos fonológicos anterior e posterior – e extralinguísticos – faixa etária, escolaridade e sexo – condicionantes da representação do referido processo. Trata-se da escrita de palavras com representação muito próxima das falas destas crianças, como em “oto” ou “otxo” (para [‘o.tʃʊ]); “pixta” ou “pita” (para [‘piʃ.tə]); “biscoto” ou “biscotxo” (para [bis.‘ko.tʃʊ]), dentre outras palavras. Nesse estudo, adotamos, como corpus de análise, produções escritas (preenchimento de lacunas) obtidas de alunos do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental, que residem e estudam na zona rural do município de Itabaiana (SE). Controlamos as variantes: representação (presença/ausência de grafemas que marcam, na escrita, a palatalização de /t/, /d/ e /s/ em contextos de motivação linguística) /cancelamento (inserção do grafema “i” antes de /t/ e /d/, e de “s” antes de /t/). Os dados foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), a fim de se constatar a frequência relativa e o efeito dos grupos de fatores independentes sobre as referidas variantes. Os resultados evidenciam que o processo de escolarização refreia a representação da palatalização das consoantes em estudo nas produções escritas das crianças: quanto maior o grau de escolaridade do sujeito, menor uso da escrita palatalizada ele o faz. Esta evidência justifica-se pela maturidade cognitiva do educando frente às arbitrariedades do código escrito formal da língua.

Palavras-chave: palatalização na escrita, frequência de uso, variação linguística, ensino de língua.

This study investigates, based on the Phonology of Use, proposed by Bybee (2003), and on its representational model, the Exemplar Theory (Pierrehumbert, 2001), the way as the process of palatalization has been manifesting in the written production of children who attend the final years of first stage of the elementary school (final learning phase of reading). In addition, it describes the linguistic factors – classes of words, the tone syllable, phonological contexts before and after – and extra linguistic – age group, educational level, and sex – conditions of the representation of said process. It is the writing of words with very close representation of speaks of these children, as in “oto” or “otxo” (for [‘o.tʃʊ]); “pixta” or “pita” (for [‘piʃ.tə]); “biscoto” or “biscotxo” (for [bis.‘ko.tʃʊ]), among other words. In this study, we adopted, as corpus of analysis, written

¹ Este artigo congrega parte dos resultados do plano de pesquisa “Ensino da leitura e a palatalização na fala de Itabaiana (SE): região de povoado” (PIBIC/PICvol 2014-2015), que recebeu o segundo lugar na área de Letras, Linguística e Artes do “Prêmio Iniciação Científica” no 25º Encontro de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, em 2015.

productions (gap-filling) obtained from students from the third to the fifth grade of elementary school who reside and study in rural of said municipality. We controlled the variants: representation (presence/absence of graphemes that mark, in writing, the palatalization of /t/, /d/ and /S/ in contexts of linguistic motivation)/cancellation (insertion of the grapheme “i” before /t/ and /d/, and of “s” before /t/). We submitted the data to statistical analysis of the program GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), in order to find the relative frequency, and the effect of groups of independent factors about said variants. The results show that the process of education restrains the representation of the palatalization of consonants in study in the children's written productions: the higher the educational level of the subject, less use of palatalized writing he does. This evidence is justified by the cognitive maturity of educating against the arbitrariness of the formal written code of the language.

Keywords: palatalization in writing, frequency of use, linguistic variation, language teaching.

1. INTRODUÇÃO

Nas séries/anos iniciais, os primeiros escritos das crianças são comumente marcados pela oralidade, estágio escolar em que a variação da escrita se mostra consideravelmente recorrente nos mais variados contextos fonético-fonológicos e morfossintáticos, manifestos por supressões, modificações e acréscimos de fonemas. Algumas destas marcas são comuns, como: substituição da vogal postônica final “e” por “i” (dente ~ denti), resultante da alteamento (elevação) da vogal média-alta [e] em final de palavras [e > i]; apagamento (apócope) de “r” em coda silábica final (andar ~ andá; vender ~ vendê); monotongação dos ditongos decrescentes orais “ai”, “ei” e “ou” (baixo ~ baxo; beijo ~ bejo; tesouro ~ tesoro); e ditongação antes de “s” ou “z” em coda silábica final (contexto de sibilante) (faz ~ fais; mês ~ meis). Outras, no entanto, são de natureza mais regionalista.

Também conhecidas como marcadores, dialetos geográficos, falares regionais ou simplesmente dialetos (Mollica, 2007), as marcas regionais recebem, no âmbito escolar, avaliação positiva ou negativa. As que refletem variantes linguísticas usadas por pessoas oriundas de região subdesenvolvida economicamente, geralmente, são mais estigmatizadas pela escola do que as que refletem variantes faladas por pessoas provenientes de região desenvolvida. A representação da palatalização de [t ~ tʃ] e [d ~ dʒ] antes de glide [y], como em “ôitio”, por exemplo, costuma ilustrar exemplo de marca regional estigmatizada pela escola, pois tal variante é muito recorrente na região Nordeste: “se o Nordeste é ‘atrasado’, ‘pobre’, ‘subdesenvolvido’ ou (na melhor das hipóteses) ‘pitoresco’, então, ‘naturalmente’, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim” (Bagno, 1999, p. 61). No entanto, a representação da palatalização [s ~ ʃ] em coda silábica, como em “poxte”, por exemplo, consiste em uma marca não tão estigmatizada quanto à das consoantes supracitadas, pois tal variante é muito recorrente na fala de brasileiros oriundos da região Sudeste (região desenvolvida economicamente), sobretudo, do estado do Rio de Janeiro, estado cuja capital homônima goza de elevado prestígio (antiga capital do país).

Considerando o *continuum* de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004), em que, em uma das pontas, estão situados os falares rurais mais isolados e, na outra, os falares urbanos que,

ao logo do processo sócio-histórico, foram sofrendo influência de codificação linguística como a definição do padrão correto de escrita (ortografia) e do de pronúncia (ortoépia), e a composição de dicionários e gramáticas; os alunos, em cujas produções textuais escritas há maior recorrência de marcas regionais estigmatizadas, geralmente residem e estudam nas zonas rural e rurbana² dos municípios, e são oriundos de famílias com cultura predominantemente oral (que não têm contato estreito com as práticas de leitura e escrita).

Como a aquisição da modalidade oral da língua se dá de forma espontânea e compulsória,³ a criança, quando chega à escola, já domina as variantes linguísticas faladas em seu convívio familiar. O aluno oriundo da zona rural ou rurbana, por conseguinte, quando chega à sala de aula, geralmente usa, com competência, marcadores socialmente estigmatizados, rotulados enfaticamente pela sociedade, que são os estereótipos (Labov, 2008 [1972], p. 360). Acreditando que a escrita é um reflexo ou extensão da fala, visto que, “para a criança, a escrita assume uma relação biunívoca com a fala, o que não é verdadeiro” (Mollica, 1998; Santana, 2014), este aluno, ao contrário do de origem urbana, que domina as variantes que gozam de prestígio social, reproduz, com mais frequência, na modalidade escrita, as variantes linguísticas (marcadores regionais) próprias de seu grupo social (comunidade linguística) como “pranta” (rotacismo) e “trabaio” (despalatalização), variantes essas que a escola rotula de “erros”, por serem diferentes da regra única, categórica, imposta pela tradição gramatical normativa, que se baseia exclusivamente nos usos linguísticos dos falantes da elite econômica e intelectual (Bagno, 2004, p. 9).

Na medida em que o domínio do código escrito está inter-relacionado ao acesso constante às práticas sociais letradas, o educador é levado a realidades distintas no contexto de sala de aula. De um lado, há os alunos provenientes da zona urbana, de classes sociais privilegiadas, de famílias com maior poder aquisitivo e maior acesso às práticas sociais de uso da escrita, convivendo em suas casas, desde cedo, com livros, jornais e revistas manuseados pelos familiares, que, quando chegam à escola, encontram uma continuação de seu modo de vida: via de regra, costumam apresentar mais facilidade de adequar seus escritos à norma padrão. De outro, há os alunos que vivenciam uma situação complementemente oposta: não costumam ver livros circularem em sua casa, nem ver seus pais lendo jornal ou revista, ou ainda, muito raramente veem alguém escrevendo (Cagliari, 2007, p. 21-22). Estes, certamente, apresentarão maiores dificuldades de aprendizagem do código escrito formal da língua.

Se entendemos que a ortografia é firmada pela recorrência à leitura nas suas multimodalidades, e que, em uma sociedade letrada, o uso competente da modalidade escrita é

⁴ Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

⁵ Automatização das pautas perceptuais acústicas e dos padrões fonarticulatórios da variedade sociolinguística com a qual estiver interagindo a criança normal (Scliar-Cabral, 2003, p. 56).

imprescindível para o exercício de diversas atividades sociais e comunicativas em distintos contextos culturais, a escola (espaço de promoção da inclusão social) tem que enfrentar, de início, o desafio de conciliar os dois mundos acima. Caso contrário, os alunos que estudam em escolas rurais continuarão geográfica e linguisticamente marginalizados e, conseqüentemente, condenados à imobilidade social, pois “o preconceito com relação à falta de intimidade com a escrita ainda constitui um fator determinante de exclusão” (Mollica, 2007, p. 22).

No término do segundo ciclo (referente aos dois últimos anos da primeira etapa do ensino fundamental), espera-se que o aluno, além de demonstrar conhecimento de regularidades e de certas irregularidades ortográficas da língua (Brasil.MEC/PCN, 1997, p. 86), já se automonitore no que diz respeito à recorrência de marcas fonológicas de sua variedade linguística em suas produções escritas. Na medida em que o aluno proveniente da zona rural não dispõe de instrumentos que lhe assegure a vivência de práticas reais de escrita, é provável que, no transcorrer dessa etapa, adquira (ou não) essa automonitoração de modo mais gradual, assim como as competências esperadas até o 5º ano do Ensino Fundamental, e que são contempladas, por exemplo, na matriz de referência de língua portuguesa da Prova Brasil (cf. Brasil.Inep, 2013, p. 8-9).

Para que esse aluno amplie o grau de automonitoração à incidência de traços de oralidade na escrita, o professor precisa desenvolver e adotar regularmente, em sala de aula, práticas de ensino e reflexão que levem em consideração os contextos (padrões de uso) favorecedores da recorrência, tanto na modalidade oral quanto na escrita, dos processos fonológicos próprios da variedade linguística desse aluno, pois um ensino mais sistematizado auxiliará o alfabetizando a compreender, gradativamente, as diferenças existentes entre fala e escrita, ou melhor, as arbitrariedades do código escrito. Para tanto, o professor precisa assumir a convicção de que a recorrência de marcas regionais na escrita dos alunos residentes na zona rural não constitui “deficiência linguística”, mas “baixo grau de letramento”, e de que as marcas não são “erros”, mas “lacunas” (Mollica, 2013), resultantes do precário acesso às práticas sociais letradas. Além disso, desenvolver atividades pautadas em estudos linguísticos, sobretudo em sociolinguísticos variacionistas que descrevam grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores da representação na escrita de regras características de variedades linguísticas estigmatizadas (Mollica, 2007).

Tendo em conta que as produções textuais escritas de muitos alunos que cursam o segundo ciclo da alfabetização em escolas públicas do município de Itabaiana – SE apresentam não só marcas de oralidade comuns, mas também de regionalismo não padrão (cf. Santana, 2014, 2015), marcas essas que necessitam da mediação do professor com formação linguística, porque algumas são socialmente estigmatizadas e outras não, este artigo se propõe demonstrar como se dá a representação do processo de palatalização das consoantes coronais [t ~ tʃ, d ~ dʒ] antecedidas de glide [y] (marca regional estigmatizada), e da sibilante [s ~ ʃ] em coda silábica medial (marca

regional não estigmatizada) na produção textual escrita de crianças itabaianenses que cursam os três últimos anos da primeira etapa do ensino fundamental em escolas públicas rurais, bem como descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes da recorrência da representação de tal processo na escrita dos referidos sujeitos. Trata-se da escrita de palavras com representação muito próxima das falas destas crianças, como em “oto” e “otxo” (para *oito* [‘o.tʃ̥t̥]), “muntxo” ou “munto” (para *muito* [‘mũ.tʃ̥t̥]), “cudado” ou “cudjado” (para *cuidado* [ku.‘dʒ̥i̯a.d̥]), e em “paxta” ou “pata” (para *pasta* [‘paʃ.t̥]).

A palatalização, na perspectiva articulatória, “consiste no levantamento da língua em direção à parte medial [articulando os segmentos alveolopalatais] ou à posterior [articulando os segmentos palatais] do palato duro” (Silva, 2003, p. 35). No Português Brasileiro (PB), este processo ocorre frequentemente com as consoantes coronais [t, d] seguidas da vogal alta anterior [i], como em: [‘ti.ə ~ ‘tʃi.ə] e [‘di.ə ~ ‘dʒi.ə], e antecedidas ou seguidas do glide palatal [y], como em: [‘pe̯i̯.t̥ ~ ‘pe.tʃ̥t̥] e [‘a̯y̯.d̥t̥ ~ ‘a̯y̯.dʒ̥t̥]; com a consoante lateral [l] seguida do glide [y], como em: [fa.‘mi.l̥i̯ə ~ fa.‘mi.ʎ̥ə]; e com a sibilante /S/ em coda silábica medial e final, como em [‘pɔʃ.t̥i] e [pa.‘iʃ].

As realizações palatalizadas [ʃ] da sibilante /S/, como descrito anteriormente, gozam de prestígio social: são consideradas “cultas” e “desenvolvidas” como os cariocas. As das coronais antecedidas de glide palatal [y], no entanto, são socialmente estigmatizadas: são consideradas “incultas” e “subdesenvolvidas” como os sertanejos nordestinos:

[As] realizações [palatalizadas] antecedidas da semivogal palatal [y] [são] identificadas como *estereótipos*, como se observa no comentário do informante masculino, universitário, de faixa 2 [de 50 a 65 anos], de Aracaju, após a elocução [‘pe̯i̯.t̥], em resposta à questão “Em que parte da vaca fica o leite?": “O pessoal do interior e de poca cultura fala no *petcho* [[‘pe.tʃ̥t̥]], o sertanejo costuma falar *petcho* [[‘pe.tʃ̥t̥]]” (QSL 80) (Mota, 2008, p. 2, sem grifo no original).

A maioria dos estudos acerca da palatalização (cf. Bisol & Hora (1993a, 1993b), Mota (2008) e Santos (2011)) concentra-se somente em modelos de fonologia tradicional, na Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]), e nos *Padrões Sociolinguísticos* (Labov, 2008 [1972]). Desse modo, tais estudos concentram-se apenas no aspecto social da variação e da mudança linguística, buscando correlatos entre o fenômeno linguístico e as peculiaridades sociais da comunidade investigada. Como lacuna, não consideram as operações mentais envolvidas no armazenamento e no acesso às palavras no léxico mental dos falantes (Haupt, 2011). Tentando preencher essa lacuna, objetivamos desenvolver um trabalho não só pautado nas teorias supracitadas, mas também na Fonologia de Uso, postulada por Bybee (2003), e em seu modelo representacional, a Teoria de Exemplares (Pierrehumbert, 2001).

A opção por essa teoria deu-se pelo fato de acreditarmos que os fenômenos fonéticos não consistem somente em simples variações que podem ser explicadas por meio de variáveis linguísticas e extralinguísticas, mas também em partes inerentes ao léxico e à constituição dos sistemas fonológicos. Adotamos, portanto, uma visão de inter-relação, em que a fonologia de uma língua envolve a distribuição probabilística de variáveis, resultantes dos efeitos de frequência dos itens lexicais armazenados na memória a longo prazo, com todos os seus detalhes fonéticos (Haupt, 2011). Nessa perspectiva, o léxico deixa de ser considerado separadamente da gramática fonológica, e a palavra passa a ser o *locus* da categorização (Silva, 2004, p. 102).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se apoiou, do ponto de vista teórico-metodológico, na Fonologia de Uso, com base nos postulados de Bybee (2003), procurando contemplar, de modo sistemático, os fatores que levam em consideração a frequência de uso da língua: frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência tipo (*type frequency*), e na Sociolinguística Variacionista, com base nos postulados de Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]).

Buscando atender às questões diastráticas e diatópicas, definimos o perfil dos sujeitos-informantes levando em consideração três critérios consagrados na coleta de dados em Sociolinguística, que servem para atestar que o informante é, de fato, alguém representativo da comunidade-alvo:

- a) alunos que cursaram o primeiro e que cursam o segundo ciclo da alfabetização em escolas rurais (de povoados);
- b) alunos nascidos e residentes em povoados do município de Itabaiana/SE;
- c) alunos cujos pais também são nascidos na zonal rural do referido município e que não apresentam grande mobilidade geográfica (não tem viajado intensamente para outras localidades).

Na constituição das amostras, levamos em consideração três características sociais comprovadamente significativas em pesquisas sociolinguísticas anteriores: sexo, idade e escolaridade. Tendo em vista que, no Brasil, as salas de aula das redes públicas (municipal, estadual e federal) de ensino geralmente são heterogêneas no que se refere ao sexo dos alunos (a quantidade de alunos do sexo masculino costuma ser maior ou menor que a do feminino), a distribuição dos informantes das amostras se deu de modo assimétrico (irregular) nos dois sexos, nas três faixas etárias: A (8 anos), B (9 anos) e C (10 – 12 anos), e nos três níveis de escolaridade controlados. Controlamos essas variáveis sociais porque acreditamos que o nível de escolaridade, a maturidade cognitiva e o sexo do aluno influenciam a compreensão das arbitrariedades do código escrito formal

da língua. Como a palatalização das coronais antecidas de glide [y] constitui um fenômeno variável estigmatizado pela norma “cultura”, e a escolaridade exerce pressão na manutenção das formas de prestígio da língua, especialmente através do ensino do código escrito, consideramos a escolarização o fator social mais relevante.

Definidos os critérios em relação ao perfil dos informantes, o próximo passo consistiu na elaboração do instrumento de coleta: atividade em que se solicitava o preenchimento de vinte e cinco (25) lacunas com palavras que apresentam contextos fonológicos favorecedores do processo de palatalização na modalidade oral, a saber: *biscoito, oito, dezoito, oitenta, muito,*⁴ *peito, doido, endoidou, noite, leite, cuidado, cuidam, feito, moita, feitiço, enfeitiçada, pasta, poste, pista, triste, tristeza, cesta, Nordeste e nordestino*. Pretendendo evitar perda de dados (que o aluno escrevesse palavras diferentes das esperadas), em todas as lacunas, inserimos o primeiro grafema do vocábulo que desejávamos que o aluno grafasse. A atividade foi aplicada entre abril e maio de 2015, em duas escolas (uma localizada no Povoado Cajaíba e outra, no Povoado Rio das Pedras) e em três turmas de cada escola. Em cada turma, a aplicação durou, em média, 1h/aula. Percebendo que seus alunos estavam transferindo a palatalização para a escrita, os seis professores, no término da aula, solicitaram cópias da atividade e, com nosso auxílio,⁵ reaplicaram-na na aula seguinte, mostrando aos alunos o contexto fonológico⁶ motivador do fenômeno em seus escritos.

Adotamos, como *corpus* de análise, 2.139 ocorrências de representação/cancelamento do processo de palatalização na modalidade escrita, sendo 1.127 referentes à consoante /t/ (Amostra 1), 309 referentes à consoante /d/ (Amostra 2) e 703 referentes à consoante /S/ em coda silábica medial (Amostra 3). Os dados foram submetidos à ferramenta estatística GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), a fim de se verificar a frequência relativa das variantes dependentes controladas, bem como os pesos relativos dos grupos de fatores controlados nas amostras: o efeito de cada fator sobre o uso das variantes investigadas. Controlamos como variável dependente: *representação/cancelamento da palatalização na escrita*, como se observa na figura abaixo.

⁴ Empregamos duas vezes a palavra *muito*. Em uma lacuna, exercia a função sintática de adjunto adverbial; em outra, de adjunto adnominal.

⁵ José Humberto dos Santos Santana (Pesquisador IC e autor deste trabalho) e Evando Marcos dos Santos (Pesquisador IC).

⁶ No momento da aplicação da atividade de coleta, já conjeturávamos, fundamentados em estudos sociolinguísticos variacionistas (Mota, 2008; Santos, 2011), que o glide [y] que antecede as consoantes /t, d/ e a consoante /t/ que sucede a sibilante /S/ em coda silábica constituíam contextos fonológicos favorecedores da escrita palatalizada. A seleção dos itens lexicais inseridos no instrumento de coleta corrobora isso.

Variável dependente	Exemplos
<i>Representação</i> (presença/ausência de grafemas que marcam, na escrita, a palatalização de /t/, /d/ e /S/ em contextos de motivação linguística) / <i>cancelamento</i> (inserção do grafema “i” antes de /t/ e /d/, e de “s” antes de /t/)	OITO > “oto”; “otxio”; “otxo”; “otio”
	DOIDO > “dodo”; “dodjio”; “dodjo”; “dodio”
	PISTA > “pita”, ⁷ “pista”

Figura 1. Variável dependente

Fonte: os Autores

Controlamos oito variáveis independentes, sendo três de natureza extralinguística (externa) e cinco que levam em consideração o uso da língua.

Variáveis extralinguísticas		
1. Faixa etária A: (8 anos) B: (9 anos) C: (10-12 anos)	2. Sexo Masculino Feminino	3. Escolaridade Ensino fundamental I (3º ao 5º ano)
Variáveis linguísticas		
Considerando a língua em uso, conforme tipologia de Bybee (2003)		
TOKEN FREQUENCY (Frequência de ocorrência de determinada palavra)	TYPE FREQUENCY (Frequência de uso de determinado padrão estrutural)	
a. muito, oito, biscoito, peito b. doido, endoidar, cuidado c. pasta, poste, pista,	a. Classes de palavras Não verbo Verbo c. Contextos fonológicos anteriores Glide palatal /y/ para /t/ e /d/ Vogais para /S/	b. Tonicidade da sílaba Tônica Átona d. Contextos fonológicos posteriores Vogais para /t/ e /d/ Consoante dental /t/ para /S/

Figura 2. Relação das variáveis independentes controladas

Fonte: os Autores

Sexo	Faixa etária		Escolaridade (3º ao 5º ano)	Nº I
Feminino	A	(8 anos)	3º	20
	B	(9 anos)	4º	07
	C	(10 – 12 anos)	5º	26
Masculino	A	(8 anos)	3º	06
	B	(9 anos)	4º	16
	C	(10 – 12 anos)	5º	21

Figura 3. Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas

Fonte: os Autores

⁶ Embora o apagamento da sibilante /S/ em coda silábica seja considerado uma marca de oralidade comum, neste estudo, consideramo-lo como representação da palatalização [s ~ ʃ] (marca de regionalismo não padrão), visto que, em Sergipe, palataliza-se, com frequência, a sibilante /S/ seguida de /t/ (onset da sílaba seguinte): [ˈpiʃ.ta] para “pista”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados nas amostras evidenciam o modo como a palatalização das consoantes em estudo se manifesta na escrita dos sujeitos-informantes da pesquisa, bem como os grupos de fatores que a favorecem.

Na modalidade escrita, a representação da palatalização da consoante /t/ antecedida de glide palatal /y/ dá-se com: i) apagamento do grafema “i”, que representa o referido glide (redução, na escrita, do ditongo oral decrescente à vogal plena), como em: “peto” para *peito*, “mota” para *moita*, “fetiço” para *feitiço*; e com: ii) apagamento do grafema “i” e inserção simultânea do grafema “x”, como em: “otxo” para *oito*, sendo a primeira forma a mais frequente na escrita dos sujeitos-informantes. A representação da palatalização de /d/ também apresenta duas formas variantes: i) apagamento do grafema “i”, que representa o glide /y/ (redução do ditongo oral decrescente à vogal plena), e inserção simultânea do grafema “j” após a consoante /d/, como em: “dodjo” para *doido*; e ii) apagamento do grafema “i”, como em: “cudado” para *cuidado*. Os resultados evidenciam maior frequência de uso da segunda forma.

A palatalização da consoante /S/ em coda medial seguida de /t/, assim como /t/ e /d/ antecedidas de glide /y/, apresenta duas formas na escrita: i) supressão do grafema “s”, como em: “pata” para *pasta*, “pote” para *poste*, “trite” para *triste*, “nordetino” para *nordestino*; e ii) substituição do grafema “s” por “x”, como em: “pixta” para *pista*, “poxte” para *poste*, “trixteza” para *tristeza*. Os resultados indicam maior frequência de uso da primeira forma.

Embora os resultados demonstrem ocorrências de consoantes palatalizadas nas três amostras analisadas, a frequência de uso dos segmentos não palatalizados é superior à dos palatalizados. Como as realizações palatalizadas [tʃ, dʒ] das consoantes coronais em estudo são muito estigmatizadas pela escola: são consideradas “erradas” e “atrasadas”, a alta frequência de itens não palatalizados na escrita dos sujeitos-informantes das amostras pode estar relacionada à “ridicularização” (correção) da “fala palatalizada” do aluno na sala de aula. O cancelamento da escrita palatalizada dá-se com a inserção do grafema “s” (para as ocorrências da sibilante /S/) e com inserção do grafema “i” (para as ocorrências de /t, d/).

3.1. Variáveis independentes de natureza linguística (padrões estruturais)

O programa GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005) considerou as variáveis *contexto fonológico posterior*, *contexto fonológico anterior* e *classes de palavras* favorecedoras da *representação da palatalização de /t/, /d/ e /S/* na produção textual escrita dos sujeitos-informantes das amostras.

a) *Contexto fonológico posterior:*

A variável *contexto fonológico posterior* favorece a *representação da palatalização de /t/*.

Tabela 1. Frequência relativa da representação da palatalização da consoante /t/ - contexto fonológico posterior

Contexto fonológico posterior	Aplic./Total	%	Peso relativo
Vogal /a/	24/90	27	0,68
Vogal /e/	22/261	8,4	0,35
Vogal /i/	68/172	39,5	0,80
Vogal /o/	76/604	12,6	0,45
Total	190/1127	16,90	<i>Input: 0,15</i>

Fonte: os Autores

Os contextos fonológicos posteriores à consoante /t/ antecedida de glide /y/ favorecedores da palatalização de tal segmento, na modalidade escrita, são as vogais /a/ e /i/, pois apresentam os maiores percentuais de representação (27% e 39,5%, respectivamente) e pesos relativos (0,68 e 0,80, respectivamente).

O fato de as vogais /a/ e /i/ favorecerem a palatalização de /t/ na escrita dos sujeitos-informantes da amostra nos possibilita compreender, com base na Fonologia de Uso (Bybee, 2003) e na Teoria de Exemplos (Pierrehumbert, 2001), que a alta frequência de uso dessas vogais na modalidade oral, em contexto posterior à consoante [t], palatalizada pelo espriamento do traço palatal [-abⁿ] (gatilho da regra) do glide [y] que a antecede, fortalece o modelo de representação da palatalização – palatalização /tʃ/ e acomodação do ditongo na sílaba seguinte, passando-o de DD (ditongo decrescente) para DC (ditongo crescente) – armazenado na memória a longo prazo (especificamente, na memória semântica) das crianças itabaianenses residentes na zona rural, tornando-o, assim, mais produtivo e acessível para o uso em outros itens lexicais que apresentem semelhanças fonológicas: em que /t/ também seja antecedida de glide /y/ e seguida das referidas vogais, como em *moita*, *feitiço* e *enfeitiçado*, e, conseqüentemente, recorrente em suas produções textuais escritas, nas quais se manifesta com apagamento do grafema “i”, que representa o glide /y/, ou com apagamento do referido grafema e inserção simultânea do grafema “x”.

Sendo assim, a escrita palatalizada não deve ser associada a problemas de aprendizagem, mas a materialização de itens lexicais armazenados em redes de similaridades fonológicas, como: [fe.'tʃi.sʊ] = [ẽ.fe.tʃi.'sa.dʊ] = [no.tʃi] = [le.tʃi] = ... / [bis.'ko.tʃiʊ] = [ko.tʃiʊ] = [o.tʃiʊ] = [de.'zo.tʃiʊ] = [e.tʃiʊ] = [fe.tʃiʊ] = [de.'fe.tʃiʊ] = [pe.tʃiʊ] = [hes.'pe.tʃiʊ] = [di.'fe.tʃiʊ] = [su.'ʒe.tʃiʊ] = ... / [mo.tʃiə] = [ko.'tʃiɑ.dʊ] = [ko.'tʃiɑ.də] = as formas nominais [a.ko.'tʃiã.dʊ / a.ko.'tʃiɑ.dʊ / a.ko.'tʃiɑh] e certas formas verbais de *acoitar* [(ele/ela) a.'kɔ.tʃiə / (nós) a.ko.'tʃiɑ.mʊs] = ... /, na memória semântica da criança.

b) *Classes de palavras*

A variável *classes de palavras* favorece a *representação da palatalização da consoante /d/*.

Tabela 2. Frequência relativa da representação da palatalização da consoante /d/ - classes de palavras

Classes de palavras	Aplic./Total	%	Peso relativo
Não verbo	12/152	7,9	0,40
Verbo	25/157	15,9	0,60
Total	37/309	12	<i>Input: 0,11</i>

Fonte: os Autores

Dentre as duas categorias morfológicas controladas na amostra, a mais favorecedora da palatalização da consoante /d/, na modalidade escrita, é a *verbal*, pois apresenta o maior percentual de representação (15,9%) e o maior peso relativo (0,60). Esta evidência nos permite inferir que a alta frequência de uso de verbos em que o glide /y/ palataliza a consoante /d/ na modalidade oral torna o modelo de representação da palatalização mais produtivo e acessível para o uso em verbos que apresentem similaridades fonológicas: em que o glide anteceda a consoante /d/, como nas formas verbais de *endoidar* (*endoidou* [ẽ.do.'dʒɔ̃õ] = ...) e de *cuidar* (*cuidou* [ku.'dʒɔ̃õ] = ...).

c) *Contexto fonológico anterior:*

A variável *contexto fonológico anterior* favorece a *representação da palatalização da consoante /S/ em coda silábica medial*.

Tabela 3. Frequência relativa da representação da palatalização da consoante /S/ - contexto fonológico anterior

Contexto fonológico anterior	Aplic./Total	%	Peso relativo
Vogal /a/	21/92	23	0,45
Vogal /e/	86/251	34,3	0,59
Vogal /i/	58/266	21,8	0,44
Vogal /o/	26/94	28	0,51
Total	191/703	26,77	<i>Input: 0,27</i>

Fonte: os Autores

O contexto fonológico anterior favorecedor da palatalização da sibilante /S/, na modalidade escrita, é a vogal /e/, pois apresenta o maior percentual de representação (34,3%) e o maior peso relativo (0,59). A vogal /o/, no entanto, não exerce nenhum efeito sobre as formas variantes, pois apresenta peso relativo muito próximo a 0,50 (0,52), ou seja, ao ponto neutro: “peso relativo que não produz nenhum desvio no uso da variante investigada em comparação com o nível geral indicado pelo *input*” (Guy & Zilles, 2007, p. 239).

O fato de a vogal /e/ favorecer a representação da palatalização de /S/ nos permite compreender que a alta frequência de uso dessa vogal na modalidade oral, em contexto anterior à

sibilante /S/ em coda silábica seguida de [t] (*onset* da sílaba seguinte), torna o modelo representacional da forma palatalizada [ʃ] mais produtivo e acessível para o uso em outras palavras fonologicamente semelhantes: em que a sibilante seja seguida de [t] e antecedida de [e], como em: *cesta* [ˈsɛʃ.tə], *estudo* [ɛʃ.ˈtu.du], *estado* [ɛʃ.ˈta.du], *nordeste* [nɔh.ˈdɛʃ.ti] e *este* [ˈɛʃ.ti] (e suas flexões de gênero e número).

3.2. Variáveis independentes de natureza extralinguística (sociais)

O programa GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005) considerou as variáveis *escolaridade/idade* favorecedoras da *representação da palatalização de /t/, /d/ e /S/* na produção textual escrita dos sujeitos-informantes das amostras.

a) *Escolaridade/idade*:

Tabela 4. Frequência relativa da representação da palatalização das consoantes /t/, /d/ e /S/ - escolaridade/idade
*Consoantes em estudo

C*	Escolaridade/ idade	Aplic./Total	%	Peso relativo
/t/	3º (8 anos)	67/304	22,0	0,60
	4º (9 anos)	53/269	19,7	0,56
	5º (10 – 12 anos)	70/554	12,6	0,42
/d/	3º (8 anos)	17/87	19	0,66
	4º (9 anos)	9/82	11	0,49
	5º (10 – 12 anos)	11/140	7,9	0,41
/S/	3º (8 anos)	62/178	34,8	0,60
	4º (9 anos)	56/176	31,8	0,57
	5º (10 – 12 anos)	73/349	20,9	0,43

Fonte: os Autores

Dentre os três anos de escolaridade controlados, o terceiro, conforme se observa na tabela 4, é o principal favorecedor da representação da palatalização dos três segmentos consonantais em estudo na modalidade escrita, pois apresenta os maiores percentuais de escrita palatalizada (22% (consoante /t/), 19% (consoante /d/) e 34,8% (consoante /S/)) e os maiores pesos relativos (0,60, 0,66 e 0,60, respectivamente). O quarto favorece a representação das realizações palatalizadas de /t/ e /S/, mas não exerce nenhum efeito sobre /d/ (peso relativo 0,49). O quinto, em contrapartida, é o ano em que os alunos menos transferem o fenômeno para seus escritos.

Estas constatações corroboram nossa maior hipótese: a escolarização refreia a escrita palatalizada, ainda que o aluno esteja exposto, diariamente, à alta frequência de uso de padrões estruturais que a condicionam, pois, quanto maior a escolaridade do sujeito, maior sua compreensão em relação às arbitrariedades (irregularidades) do código escrito formal da língua. Essa compreensão, segundo Votre (1992), resulta das estratégias de aprendizagem (das atividades de leitura e escrita) do sistema ortográfico empreendidas, constantemente, pela escola.

Como as estruturas que migram para a escrita refletem a fala, o fato de a representação da palatalização das consoantes /t, d/ ser refreada pela escola na primeira etapa do ensino fundamental comprova que as realizações palatalizadas [tʃ, dʒ] das referidas consoantes antecidas de glide palatal [y] trata-se de um estereótipo: variante socialmente estigmatizada (cf. Mota (2008)). Chega-se a esta constatação porque, segundo Mollica (2008), quando a variação ocorre temporariamente em produções textuais escritas de alfabetizandos, durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, quando não ultrapassa a primeira etapa do ensino fundamental, trata-se de uma estrutura marcada que exerce pressão na direção da retração da mudança linguística.

4. CONCLUSÃO

Os resultados nos possibilitaram observar o modo como se dá a representação da palatalização das consoantes /t, d, S/ na produção textual escrita de alunos residentes na zona rural do município de Itabaiana, bem como delimitar os grupos de fatores linguísticos (padrões estruturais) e extralinguísticos (sociais) que a favorecem.

Fundamentados na Fonologia de Uso (Bybee, 2003) e em seu modelo representacional, a Teoria de Exemplos (Pierrehumbert, 2001), constatamos que a alta frequência de ocorrência de determinados itens lexicais na zona rural de Itabaiana (SE), como as formas palatalizadas dos vocábulos *muito* ([ˈmũ.tʃũ]), *doido* ([ˈdo.dʒũ]) e *pasta* ([ˈpaʃ.tə]), não favorece o uso da escrita palatalizada; e que a alta frequência de uso de padrões estruturais, como contexto fonológico anterior, contexto fonológico posterior e categorias morfológicas em que estão inseridos os segmentos consonantais em estudo, favorece a representação do fenômeno.

Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]; Labov (2008 [1972])), constatamos que o nível de escolaridade e a idade da criança condicionam a representação da palatalização: quanto menor o grau de escolaridade/idade do aluno, maior a frequência de ocorrência de itens palatalizados em seus escritos. Esta evidência justifica-se pela imaturidade cognitiva do educando frente às arbitrariedades do código escrito formal da língua.

Esperamos que esses resultados conscientizem os professores, sobretudo os que trabalham com o Ensino Fundamental menor, quanto ao conjunto de parâmetros que favorecem ou inibem a escrita palatalizada, para que possam melhor orientar os alunos em relação aos ambientes fonológicos mais favorecedores da incidência da palatalização, pois conhecer os usos linguísticos (adequações e inadequações) e desenvolvê-los de modo sistemático constituem as condições fundamentais à aprendizagem e ao domínio pleno do código escrito formal da língua.

5. REFERÊNCIAS

- Bagno, M. (1999). *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Loyola.
- _____. (2004). Por uma sociolinguística militante. In: Bortoni-Ricardo, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula* (pp.7-10). São Paulo: Parábola Editorial.
- Bisol, L. & Hora, D. (1993a). Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. In: *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp.61-80). Coimbra: Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 9.
- _____. (1993b). Palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. *Letras*, 5(1): 26-40.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2004). *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)*. Brasília: MEC.
- _____. Inep. (2013). *Prova Brasil: avaliação do rendimento escolar 2013*. Brasília: Inep.
- Bybee, J. (2003). *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cagliari, A. C. (2007). *Alfabetização e Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione.
- Guy, G. R. & Zilles, A. (2007). *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Haupt, C. (2011). Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. *Rev. Est. Ling.*, 19(1): 167-189.
- Labov, W. (2008 [1972]). *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- Mollica, M. C. (1998). *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (2007). *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto.
- _____. (2008). Aportes para uma teoria da mudança na escrita. In: Votre, S. & Roncarati, C. *Anthony Jullius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica* (pp.242-253). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- _____. (2013). *Lacunas de letramento*. [no prelo].
- Mota, J. (2008). Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: *Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* (pp.1-12). São Paulo: Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 9.
- Pierrehumbert, J. B. (2001). Exemplar Dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: Bybee, J. & Hopper, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure* (pp.137-157). Amsterdam: Benjamins.
- Sankoff, D, Tagliamonte, S. A. & Smith, E. (2005). *GoldVarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics.
- Santana, J. H. S. (2014). Monotongação dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/ na escrita de crianças dos anos finais da primeira etapa do ensino fundamental de escolas públicas de Itabaiana (SE): uma abordagem sociolinguística. In: *25ª Jornada Nacional do GELNE* (pp. 1-11). Natal: Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE, 10.
- _____. (2015). *Palatalização e ensino: quando a variação chega à escrita* [Relatório de Pesquisa (PIBIC)]. Itabaiana (SE): Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho.

Santos, A. M. O. (2011). As africadas baianas em Sergipe e Alagoas a partir dos dados do projeto ALiB. In: *Congresso Nacional de Estudos Linguísticos* (pp.1-4). Vitória (ES): Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 10.

Scliar-Cabral, L. (2003). *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto.

Silva, T. C. (2003). *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto.

_____. (2004). A aquisição de padrões sonoros variáveis. *Letras de Hoje*, 39(3): 101-110.

Votre, S. (1992). Escolaridade. In: Mollica, M. (org.). *Cadernos didáticos UFRJ: introdução à sociolinguística variacionista* (pp.75-79). Rio de Janeiro: UFRJ.

Weinreich, U., Labov, W. & Herzog, M. (2006 [1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola.